



Comunicação COVID19
Ponto de situação 4 abril

Sexta, 4 de abril de 2020



INFECTADOS CONFIRMADOS

10.524 CASOS DE COVID-19



638 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFECTADOS SUBIU 6,4 %



ÓBITOS

266 VÍTIMAS MORTAIS



20 VÍTIMAS

NORTE- 141

CENTRO-66

LISBOA E VALE DO TEJO- 51

ALENTEJO-0

ALGARVE-5

AÇORES-0

MADEIRA-0



75 CASOS DE RECUPERAÇÃO

5.518 AGUARDAM RESULTADOS

81.087 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 JAN.

1.075 internados/251 em UCI

ATUALIDADE

Escolas: alunos mais novos vão ter teleescola a 13 de abril, mas ensino secundário volta a 4 de maio.

Mais de 400 mil trabalhadores estão em lay-off.

Centeno defende adiamento do debate dos 'coronabonds' para depois da crise.

Comissário europeu da Economia admite suspensão das regras orçamentais até 2022.

OMS alerta para aumento de casos graves e mortes entre doentes mais novos.

Austrália. Descoberto desparasitante que pode neutralizar o novo coronavírus em 48 horas.

Governo dá tolerância de ponto dias 9 e 13 de abril.



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA

Público – Alunos até ao 9.º ano vão ter aulas através da RTP já em abril. Maiores de 60 são quem mais arrisca sair à rua. Padarias - Eles trabalham dia e noite para termos pão na mesa.

Público (online)- Covid-19: quase dois terços dos alunos já manifestaram vontade de regressar à escola. ACT. Subsídio de refeição mantém-se em teletrabalho, diz autoridade que fiscaliza empresas. Ventiladores *made in* Portugal em contrarrelógio no combate à covid-19. “Os fins-de-semana tornaram-se dias normais de trabalho”. A crise vivida dentro da máquina de fazer leis do Governo.

Diário de Notícias - Covid-19 - Portugal prepara-se para desenvolver terapêutica experimental com sangue. Ricardo Araújo Pereira - "Nesta fase de quarentena até já tenho saudades dos bêbedos que me abordam na rua". Opinião de Francisca Van Dunem - "Um Estado decente não abandona os seus cidadãos, mesmo os presos".

Correio da Manhã - Governo poupa milhões com presos. 1250 reclusos podem sair das cadeias. Vírus perturba calendário escolar.

Jornal de Notícias - Máscaras vindas da China causam alarme em hospital. Polícia endurece fiscalização e para carros nas autoestradas.

Jornal i (online)- Trabalhadores do privado têm direito a subsídio de refeição em teletrabalho, esclarece Governo.

Observador- Estudo. A quarentena é melhor para a economia. Ordens continuam a duvidar dos números de médicos e enfermeiros infetados e vão fazer o próprio levantamento. Fecho das escolas? "Não me senti desautorizado", Jorge Torgal, Presidente do Conselho Nacional de Saúde Pública. Portugueses portaram-se bem, mas 108 foram detidos, OMS. Levantar restrições cedo pode agravar crise.

Semanário Expresso - 425 mil em lay-off. Número já supera o do desemprego. Marcelo mobiliza banqueiros para apoios à economia. Quarentena permite evitar 50

mil mortes. Os longos dias de Marta Temido, ministra da Saúde. Testes de imunidade podem chegar a Portugal em abril. Crianças sem outras doenças estão a chegar aos cuidados intensivos. Van Dunem e as prisões: "Não há razão para alarme". Recessão extrema lança PIB para níveis do século XX. *Revista E*: Covid-19. A hora de todas as escolhas.

Semanário SOL- Coronavírus. Portugal adere a ensaio clínico mundial. Entrevista a Lacerda Sales, Secretário de Estado da Saúde: "Não sei se vamos ter férias de verão ou de inverno". Os dias terríveis do pessoal médico impedido de ir a casa.

Notícias ao Minuto- Tolerância de ponto na Páscoa. Casos triplicam na América.

Jornal de Negócios (online) - Como está a evoluir a propagação da covid-19 em Portugal em cinco gráficos. Pandemia encerra 75% do alojamento e restauração. "Maioria equaciona não voltar a abrir". Covid-19 leva Fitch a cortar "outlook" da CGD, BPI e BCP.

Jornal Económico (online)- Poder da ACT para travar despedimentos ilegais "é inconstitucional", diz Ordem dos Advogados.

ECO- As 7 medidas urgentes da CIP para evitar a depressão. CAP: "Trabalhadores em lay off e desempregados na agricultura".

Dinheiro Vivo- Há 500 mil trabalhadores sem lay-off e mais vulneráveis. Regresso a 2016. Toda a retoma pós-troika deve evaporar. Governo apela a supers para escoar queijo e carne de pequenos produtores. Procura de bens essenciais dispara e fábricas reforçam produção ao limite.

Revista Sábado (online). Ninguém sabe como combater, de facto, a Covid-19. Snacks e bebidas são o novo papel higiénico. Vendas disparam.

Revista Visão (online)- Covid-19: Um terço da hotelaria e restauração falhou salários em março.

TSF- Telescola deve arrancar a 13 de abril só até ao 9.º ano. Houve menos violência doméstica em março, mas APAV considera que casos vão subir.

Rádio Renascença- Science4COVID-19. Nasceu uma plataforma de cérebros para combater o coronavírus. Decisões de vida ou de morte devem ser tomadas em equipa, diz comissão de ética.

Antena 1- Costa assina despacho de tolerância de ponto nos dias 9 e 13 no período da Páscoa.

SIC Notícias- 246 mortos e quase 10 mil casos de Covid-19 em Portugal.

TVI 24- Covid-19: medidas adotadas em Portugal foram das mais rápidas da Europa, dados da Universidade de Oxford e do Político.

EVOLUÇÃO DA PANDEMIA NA EUROPA E PELO MUNDO

- Barreira dos 40 mil mortos ultrapassada na **Europa**
- **Espanha** registou nas últimas 24 horas 809 mortes devido ao novo coronavírus, o número mais baixo desde o sábado passado, alcançando um total de 11.744 vítimas mortais.
- Mais 766 mortes em **Itália**, total é agora de 14.681.
- **Alemanha** regista hoje 85.778 infetados, um aumento de 6.082 em relação ao dia anterior, 1.158 vítimas mortais.
- **França** contabiliza mais de 6.500 mortos desde início de pandemia
- Número de infetados no continente americano triplicou em sete dias (**Estados Unidos** 261.438 infeções, 6.699 mortes e 9.428 curas).
- **Reino Unido** registou mais 684 mortes, 3.605 no total.



FRASES DO DIA

"É preciso um apoio massivo, tanto na área da saúde, como na economia por parte dos países desenvolvidos e das instituições financeiras internacionais aos países em desenvolvimento", António Guterres, SG da ONU.

"Os empréstimos europeus devem evitar o estigma contra os países e respeitar o sofrimento dos cidadãos", Mário Centeno, Presidente do Eurogrupo ao El país

"É um absurdo que acumulemos armas para a guerra, mas não máscaras para uma pandemia", Luigi Ferrajoli, filósofo e jurista italiano.



MEDIDAS ADOTADAS EM PORTUGAL FORAM DAS MAIS RÁPIDAS DA EUROPA, SEGUNDO A UNIVERSIDADE DE OXFORD E O POLÍTICO.

As medidas para contenção do surto do novo coronavírus adotadas em Portugal foram das rápidas na União Europeia (UE), ainda antes do registo da primeira morte, enquanto as restrições aplicadas em Itália, Espanha e França foram das mais tardias.

Os primeiros casos de covid-19 em Portugal (importados de Itália e Espanha) foram registados a 02 de março, quando já outros países europeus tinham dezenas ou centenas de infetados.

E só precisamente um mês depois de ter sido registada a primeira morte na Europa (de um turista chinês de em França), é que se verificou o primeiro óbito em Portugal, a 16 março passado, um idoso de 80 anos com outras patologias.

Mas foi ainda antes da primeira morte que o Governo português começou a adotar medidas de contenção do surto, começando logo com a suspensão de eventos com mais de 5.000 pessoas e dos voos para Itália, a 09 de março.

A 12 março, o executivo de António Costa decretou o fecho de todos os estabelecimentos de ensino públicos e privados, medida com efeito a partir de 16 de março, e também nessa altura começaram a ser encerrados outros espaços não essenciais, dada a declaração de estado de emergência em todo o país (em vigor desde as 00:00 de dia 19 de março), que trouxe ainda restrições à circulação.

A reação de Portugal à pandemia foi, assim, das mais rápidas da UE, acompanhada por países como República Checa e Áustria, que também implementaram medidas antes ou logo após a primeira morte por covid-19, de acordo com os dados recolhidos pela Universidade de Oxford sobre a resposta dos governos e sintetizados pelo jornal digital Político.

Em sentido inverso, Itália, Espanha e França foram dos que demoraram mais a reagir.

Em Itália, o país do mundo com mais vítimas mortais (13.915 óbitos em 115.242 casos confirmados até quinta-feira), o aumento de infeções foi repentino e agudizou-se a partir de finais de fevereiro. A primeira morte no país foi registada a 21 de fevereiro, um homem de 78 anos.

Mas as medidas das autoridades italianas chegaram tarde: só 12 dias depois do primeiro óbito é que os eventos foram suspensos e as escolas fechadas, isto já no início de março, e só 18 dias depois da primeira morte é que os estabelecimentos comerciais não essenciais foram encerrados, o mesmo tempo que demorou até surgirem restrições à circulação e nas fronteiras, segundo a Universidade de Oxford e o Político.

Em Espanha, o segundo país com maior número de mortes do mundo (10.935, entre 117.710 casos de infeção), a primeira vítima mortal foi registada a 03 de março e só seis dias depois é que o Governo espanhol suspendeu eventos no país.

O executivo de Madrid demorou, também, 11 dias (desde o primeiro óbito) a fechar escolas e estabelecimentos comerciais não essenciais e 12 dias a colocar restrições à circulação e nas fronteiras.

Já em França, o terceiro país da UE mais afetado (com 5.387 mortes e 59.105 casos), a primeira morte foi registada a 26 de fevereiro, um homem de 60 anos.

Depois disso, as autoridades francesas demoraram 15 dias a suspender eventos, 31 dias a encerrar escolas, 29 dias a fechar estabelecimentos não essenciais e 32 dias a colocar restrições à circulação, adiantam os dados da Universidade de Oxford e do

Político. Itália, Espanha e França estão agora em estado de emergência, com fortes medidas restritivas em vigor, como o confinamento obrigatório, a proibição de atividades desportivas no exterior (com exceções para alguns grupos populacionais e desde que perto de casa e de forma individual), a interdição dos eventos públicos e a restrição nas fronteiras.

Fonte: Agência Lusa

BERTRAND BADIE, CIENTISTA POLÍTICO: "A AÇÃO DA OMS É REDUZIDA A LER UMA DECLARAÇÃO TODAS AS NOITES"

É um dos maiores especialistas em relações internacionais e acredita que a crise desencadeada por Covid-19 mostra dolorosamente a verdadeira face da globalização. Que um vírus originário de um mercado de Wuhan se espalhou para todos os cinco continentes em apenas algumas semanas, causando uma das mais graves crises de saúde da história da humanidade, não surpreende Bertrand Badie, um dos maiores especialistas franceses em globalização. Este cientista político de 69 anos, professor emérito da Science Po e pesquisador associado do Centro de Estudos e Pesquisas Internacionais (CERI), passou décadas defendendo que a ação individual de um dos 6.000 milhões de habitantes do planeta pode ser mais significativa do que a decisão de qualquer governo. Em um "mundo único" no qual as fronteiras não impedem mais o que acontece em um país de ter efeitos imediatos em outros, onde a interdependência entre diferentes setores da atividade humana nunca foi tão importante e a mobilidade, tanto humana quanto humana. de mercadorias, tão rápido", um aperto de mão em Wuhan" pode colocar toda a humanidade sob controle, diz ele. Por esse motivo, acredita o autor do ensaio recente, L'Hégémonie respondeu, que a crise atual deve abrir nossos olhos para a importância da dimensão social da globalização, abandonando o dogma neoliberal que se limita a conceber o ser humano como um ator econômico simples para adotar o multilateralismo inclusivo.

PERGUNTA. Você acha que a pandemia de coronavírus revelou a verdadeira face da globalização?

RESPOSTA. Penso que até esta crise, a opinião pública e, o que é ainda mais surpreendente, os líderes dos diferentes países do mundo ignoraram ou tentaram ignorar o que esse fenômeno realmente implica. A globalização muda profundamente o próprio significado da alteridade. O outro, em nosso antigo sistema da Vestfália, era o inimigo em potencial; então, com o livre comércio e a aceleração das trocas comerciais, o outro se tornou um concorrente, um rival, e não vimos que, no nível social, outra definição de alteridade estivesse sendo criada, na qual o outro é um parceiro cujo destino está profundamente ligado ao nosso. Isso significa que entramos em um mundo que não é mais o de hostilidade ou competição, mas necessariamente o de solidariedade, porque agora, se eu quero sobreviver e, ainda mais, vencer, tenho que garantir que o outro sobreviva e que o outro vence, e achamos muito difícil admitir. Essa dificuldade nos levou, neste contexto de crise, a ouvir estupidez como "é um vírus chinês" ou "o vírus é um inimigo do povo americano", como apontou o Presidente dos Estados Unidos. Donald Trump não entendeu que o verdadeiro significado da globalização está na criação de necessidades de integração social que devemos satisfazer urgentemente, caso contrário, estaremos no caminho do desastre.

P. O que resta da governança global diante da retirada soberana que testemunhamos nos últimos anos?

R. A ineficácia da Europa é um reflexo do fracasso da governança global. A ação da OMS se resume a ler uma declaração em inglês aproximado todas as noites para pedir aos Estados que façam algo, o que é realmente desastroso quando a OMS deveria ter sido a força-tarefa sobre o assunto, o órgão de coordenação de políticas saúde, que organiza assistência técnica e médica e, acima de tudo, produz normas. O grande perigo é precisamente a falta de padrões comuns, e que cada país continue a operar por conta própria e à sua maneira.

P. A solução para sair desta crise está, segundo você, em mais multilateralismo e decisões comuns. No entanto, o mundo de hoje está cheio de líderes nacionalistas, de Trump, através de Bolsonaro, a Johnson. É paradoxal, você não acha?

R. Acho que podemos dizer que os planetas nunca foram tão desalinhados. Há uma necessidade de governança global como nunca antes em nossa história e, ao mesmo tempo, um pico de nacionalismo nunca antes visto. Ambos são inconciliáveis. Portanto, a única razão da esperança é que o nacionalismo é uma ideologia vazia que não tem nada a oferecer. Todas as tentativas de gerenciamento estritamente nacional de crises falharam. Líderes como Johnson, Trump ou até Bolsonaro, que começaram a partir de discussões nacionalistas e negadores, tiveram que mudar seu discurso, cada um à sua maneira. Além disso, o desprezo desses políticos liberais pelos desafios da saúde nos leva a outro ponto-chave que eu tratei no ensaio *L'impuissance de la puissance*, que é a flagrante impotência de um país como os Estados Unidos diante dessa pandemia. A evolução da crise nos Estados Unidos é assustadora e em parte devido a essa concepção herdada da Escola de Chicago de cegueira total.

Fonte: El País

ARMAS DO SÉCULO XIX CONTRA A PANDEMIA DO SÉCULO XXI

As principais medidas para conter o coronavírus são as mesmas usadas há mais de 100 anos.

A última grande pandemia de gripe aconteceu em 1968 e matou um milhão de pessoas. Muitas das vítimas do atual Covid-19 viveram esse tempo. “É triste que, apesar de todos os avanços médicos que foram feitos desde então ... os tratamentos que podemos oferecer aos pacientes da Covid-19 seja o mesmo que teríamos aplicado há mais de 50 anos. ”, confessam John Hick e Paul Biddinger, especialistas em emergências médicas das universidades de Minnesota e Harvard, num artigo publicado numa das revistas médicas de maior prestígio do mundo.

As principais armas com as quais o mundo está a lutar hoje contra a pandemia de coronavírus datam do século XIX. Ao contrário da crença popular, não há razão para parar de usá-las.

A primeira pandemia do século 21 também foi causada por um coronavírus - SARS -, que foi o primeiro grande vírus impulsionado pela globalização. Ele saiu de animais vendidos nos mercados húmidos da China. O vírus espalhou-se pelo mundo em voos comerciais, atingindo 29 países. Durante um ano e oito meses da epidemia, mais de 8.000 infectados e quase 800 mortes foram confirmadas. São números que em janeiro - apenas dois meses atrás - ainda estavam longe e agora foram deixados para trás como algo praticamente insignificante. Somente em Espanha, o Covid-19 mata mais pessoas todos os dias do que a SARS em toda a sua história.

Contra a SARS "os estados aplicaram medidas do século XIX, como monitorar os contatos de cada isolamento infectado, quarentena e social", lembra o médico japonês Shigeru Omi, chefe da OMS na Ásia durante a pandemia, num livro sobre como o vírus foi morto com sucesso.

Medidas do século XXI, como o sequenciamento genético do vírus, também foram implantadas pela primeira vez. O vírus responsável pela epidemia foi identificado, mas "não adicionou nada substancial à contenção, principalmente porque os testes de diagnóstico eram escassos". No total, o papel desempenhado por essa "ciência do século XXI" na contenção do patógeno "foi menor", explica o volume, editado pela OMS.

Embora seja impossível saber o resultado da atual pandemia, tudo aponta para que agora também sejam as medidas clássicas a conter a epidemia, reconhece a enfermeira Luis Encinas, que trabalha para Médicos sem Fronteiras (MSF) desde 1994 e viveu alguns das piores epidemias de Ebola na África. Ele agora faz parte do conselho consultivo de MSF contra o Covid-19. "Por enquanto não há outra maneira de conter o vírus, não temos outras medidas de curto prazo", explica ele. "Mas nem o isolamento será suficiente. É como se, para evitar um tiro, você atirasse ao fundo de uma piscina. Isso pode te salvar, mas se as balas continuarem por muito tempo, você terá que sair

da água e agir. A enfermeira sente falta de que, nem a Espanha nem muitos outros países, já tenham uma estratégia a seguir em caso de pandemia com medidas de ação de curto, médio e longo prazo.

"Desta vez, tivemos sorte", dizia outra das grandes lições que a OMS extraiu da epidemia de SARS. Contendo o vírus era muito mais fácil do que hoje. Os infectados eram contagiosos apenas quando os sintomas começavam, principalmente a febre, para que pudessem ser identificados com um simples termômetro, e a disseminação do vírus poderia ser contida entrando neles e colocando seus contatos em quarentena. "O patógeno moveu-se melhor dentro dos hospitais do que fora, por isso era mais fácil contê-lo", lembra Isabel Sola, microbiologista do Centro Nacional de Biotecnologia (CNB-CSIC). "Além disso, o animal que causou a zoonose foi logo identificado e o contato com os seres humanos foi radicalmente evitado", lembra ele.

A outra tecnologia mais necessária no momento, os testes rápidos de anticorpos, também não são a mais recente tecnologia do século XXI, mas requerem apenas métodos aperfeiçoados no século XX. "A única coisa necessária para fazer um teste rápido é ter a capacidade de criar uma tira, um suporte físico no qual colocar o fluido e que indica se há uma infecção, algo ao alcance de muitas empresas de biotecnologia", explica Sola.

Os infectados com o SARS-CoV-2, o novo coronavírus, podem passar dias, até semanas, sem nenhum sintoma. Durante esse tempo, eles podem espalhar o vírus aonde quer que vão. Esses infectados nunca detectados pelas autoridades provavelmente explicam a rápida expansão da pandemia na China, Itália e Espanha e mostram o quão difícil será contê-la.

Para alguns especialistas, a epidemia provavelmente não irá parar antes que o vírus se espalhe para cerca de 60% da população. A estratégia agora seguida por países como a Espanha é tentar impedir que essas infecções aconteçam de uma só vez, mas ao longo de meses, para evitar o colapso total dos hospitais. Enquanto isso, as medidas antigas do século XIX continuam salvando vidas. Uma projeção matemática do Imperial

College London estima que medidas de isolamento salvaram 16.000 vidas somente na Espanha; quase 60.000 em toda a Europa, embora as margens de erro sejam altas.

"As nossas melhores armas continuam a ser o acompanhamento de todos os contatos que uma pessoa infectada teve, embora humanamente seja muito difícil fazê-lo sem alta tecnologia", diz Ildelfonso Hernández, porta-voz da Sociedade Espanhola de Saúde Pública. "De qualquer forma, as grandes contribuições científicas e tecnológicas obtidas, como tratamentos e vacinas, só estarão disponíveis com sorte para a próxima onda de coronavírus", destaca.

O novo coronavírus espalha-se tão rápido e há tantas pessoas suspeitas de infecção que é impossível rastrear sua propagação à mão como antes. Investigadores da Universidade de Oxford desenvolveram um modelo matemático que aponta que até metade das infecções por Covid-19 são devidas a indivíduos não diagnosticados sem sintomas aparentes. O número coincide com o observado em Cingapura (42%) ou na China (62%). A única maneira de derrotar um vírus tão invisível é usar um sistema automático que calcule quantas pessoas ficaram próximas aos infectados por dias, graças aos dispositivos GPS dos telefones celulares, explicam esta semana na Science. Isso custaria, é claro, sua privacidade e sua liberdade individual, uma vez que teriam que colocar em quarentena, como explicam. E isso sem levar em conta os obstáculos burocráticos e legais que poderiam impedir que algo assim fosse aplicado na Espanha.

O aparente sucesso de países como China, Coreia do Sul ou Singapura na contenção do SARS-CoV-2 é explicado em parte porque, após o SARS e o MERS, outro coronavírus que saltou de camelos para humanos em 2012 e ainda está ativo, eles sabiam que tinham de agir rapidamente. Mas o caso mais paradigmático do sudeste da Ásia é o do Vietnã, um país com menos recursos, que em fevereiro anunciou que contivera a pandemia. Todos os infectados foram curados. Nenhum habitante morreu. Mas foi uma vitória pírrica que prenuncia o que pode acontecer com muitos outros países a partir de agora. No início do mês, o país reconheceu 35 novos casos, todos importados por avião e os dados mais recentes indicam que já possui 154 casos

ativos. O Vietname foi um dos países a agir de forma mais rápida e decisiva contra a SARS em 2003. Eles aprenderam a lição de situações anteriores.

Desde a epidemia de SARS, a OMS não se cansou de alertar o mundo de que talvez o próximo não houvesse tanta sorte. No seu último relatório sobre o nível global de preparação para pandemia de 2019, ele alertou: "O mundo não está preparado para uma pandemia viral respiratória em rápida expansão". "A gripe de 1918 atingiu um terço da população mundial e matou 50 milhões de pessoas. Se uma pandemia semelhante ocorrer hoje, com uma população quatro vezes maior do que na época e com tempos de viagem para qualquer ponto do globo com menos de 36 horas, poderão morrer até 80 milhões de pessoas".

Em termos económicos, é muito lucrativo estar preparado. As perdas devido a uma pandemia atingem 60.000 milhões de euros por ano, de acordo com um dos maiores painéis de especialistas internacionais sobre o assunto, reunidos em 2016 pela Academia Nacional de Medicina dos EUA. Enquanto isso, a preparação em nível internacional custaria apenas cerca de 4.500 milhões de euros por ano. Argumentariam que seria um dinheiro bem gasto, pois permitiria não apenas combater vírus emergentes, mas também combater a resistência aos antibióticos, um problema que pode nos levar à Idade Média mais rapidamente do que pensamos.

Fonte: El País